

Cocriação maquínica na produção artística: ética da inteligência artificial na arte decolonial¹

Sabrine Varjão²

Maria Lucília Borges³

Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Resumo

Este artigo trata de uma reflexão inicial, parte de uma pesquisa de iniciação científica iniciada em 2025, sobre questões éticas no uso da Inteligência Artificial no contexto artístico, tendo como exemplo o ensaio *Álbum de Desesquecimentos* da artista Mayara Ferrão. O objetivo é investigar os limites éticos das IAs enquanto potência artística e decolonial, além das possibilidades criativas das IAs na cocriação de produções artísticas a partir do entendimento delas como instrumento segregador, mas que também pode ser aplicado de forma disruptiva à colonialidade e de estruturas sociais conservadoras. Para isso, partimos dos aportes teóricos de Beiguelman (2022); Barreto (2024); Coeckelbergh (2024) e Venancio Junior (2024).

Palavras-chave: Inteligência artificial; Cocriação; Decolonialidade; Arte; Ética.

Introdução

Assistentes virtuais que organizam rotinas, algoritmos que definem bolhas nas redes sociais e sistemas que automatizam decisões jurídicas, econômicas e sociais. As inteligências artificiais (IAs) estão cada vez mais integradas no nosso cotidiano, assumindo atividades que antes eram essencialmente humanas. No campo cultural, essa é uma realidade cada vez mais latente. A expansão da chamada cocriação maquínica na produção artística carrega grandes dilemas morais e éticos, como autoria, criatividade e originalidade.

Ao serem treinadas, por meio de redes generativas, neurais ou aprendizado de máquina (*machine learning*), as inteligências artificiais podem reproduzir hierarquias raciais e de gênero, a partir de sistemas que absorvem e maximizam certos preconceitos que estão enraizados na sociedade, e por consequência, dentro da esfera tecnológica;

¹ Trabalho apresentado na IJ015 – Comunicação, Cultura Digital e Tecnologias, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. E-mail: sabrine.varjao@aluno.ufop.edu.br

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Semiótica; Professora Associada do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. E-mail: maria.borges@ufop.edu.br

desse modo, certas discriminações passam a ter também uma dimensão algorítmica (Beiguelman, 2022, p.60). Mediante este quadro, como a cocriação maquínica pode ser pensada sob uma ótica decolonial, tendo em vista a replicação dos padrões excludentes presentes em uma vasta base de dados? Para responder a essa questão, foi explorada a obra de uma artista que investiga esse universo da tecnologia, originalidade e colonialidade: Mayara Ferrão.

Mayara Ferrão é uma artista visual e diretora criativa nascida em Salvador. Formada em artes visuais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), ela traz em suas obras uma mistura de ancestralidade negra juntamente à inovação, com o uso da inteligência artificial. O estudo em questão se volta a uma obra do ensaio *Álbum de Desesquecimentos*, publicado na revista ZUM⁴, em 2025. Segundo Ferrão (2025), a proposta da obra é criar narrativas de amor entre mulheres negras em variados contextos, além de instigar o público a repensar representações coloniais a partir da perspectiva: como seria se essas mulheres pudessem ter vivido, de fato, seus amores?

O estudo desta intervenção é justificado pela forma como a artista incorpora as inteligências artificiais de forma crítica, desafiando o colonialismo estético e social, criando uma fabulação crítica (Barreto, 2024) e diversificando o debate, que costuma ser quase exclusivamente negativo, sobre os limites éticos da cocriação com máquinas em produções artísticas.

Os diferentes usos das IAs

A presença das inteligências artificiais não é neutra, apesar de, às vezes, parecer; elas reconfiguraram a forma como vemos e interagimos com o mundo, rompendo e reestruturando o tecido social (Coeckelbergh, 2024, p. 98). Entretanto, as IAs não devem ser analisadas somente a partir de um viés danoso, mas avaliadas a partir de pensamento crítico, entendendo os diferentes contextos em que elas são incorporadas.

É complexo o estudo das inteligências artificiais, principalmente por conta da grande base de dados (Big Data) utilizada para treinar as máquinas, o que pode potencializar capacidades de serviços públicos e pessoais, como a identificação precoce de doenças cardiovasculares e neurodegenerativas, mas também pode perpetuar preconceitos que já segregam certos corpos, como a utilização do sistema COMPAS

⁴ Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-27/album-de-desesquecimentos/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

(Coeckelbergh, 2024) pelo judiciário dos Estados Unidos, que previa a possibilidade de reincidência de presos; o sistema identificou apenas homens negros como possíveis reincidentes (Ibidem).

Em um cenário tão ambíguo, é possível inserir as IAs na esfera artística? É possível atribuir a elas alguma forma de criatividade? Tendo em vista que esses sistemas operam seguindo uma lógica humana dominante (segregatória e patriarcal), e se baseia na repetição de padrões, quais corpos são privilegiados e reproduzidos por essas ferramentas?

Um exemplo que vai contra esse ideal conservador é o trabalho da artista visual e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da USP, Giselle Beiguelman, em cuja exposição *Venenosas, nocivas e suspeitas*⁵, a artista usou sistemas de inteligência artificial generativa para a criação de desenhos de plantas proibidas e demonizadas historicamente, e retratos imaginados de mulheres apagadas da história da Arte e da Ciência. Em entrevista para o Jornal da USP (2025), a artista revela dificuldades em iniciar o trabalho por conta da base de dados enviesada:

Me deu muito problema para conseguir fazer com que a inteligência artificial entendesse o que é uma mulher mais velha. *A priori*, os dados hegemônicos não só são de mulheres brancas, mas de mulheres jovens, e cada vez mais contaminadas por filtros. (Jornal da USP, 16 abr. 2025)

A exposição criada por Giselle, que a princípio tinha o objetivo de estudar e representar plantas que foram estigmatizadas, principalmente na época da inquisição, tomou um rumo diferente na medida em que a artista percebeu que a relação entre mulheres e as plantas era indissociável, tendo em vista que as mulheres que sabiam manuseá-las para usos medicinais e científicos foram condenadas, em especial pela igreja católica. Beiguelman relata ao Jornal da USP que “foi ficando cada vez mais evidente o apagamento ao qual essas cientistas, artistas, bruxas e feiticeiras foram submetidas. Então, quanto saber se perdeu nas fogueiras da Inquisição.” (Ibidem)

Desse modo, ao utilizar inteligência artificial para criar essas obras a partir de um aprendizado de máquina que ensina às IAs outros tipos de representações femininas, principalmente não-brancas e com idades mais avançadas, a artista mostra que é possível usar aportes tecnológicos para subverter noções coloniais, que muitas vezes já estão enraizadas no imaginário coletivo.

⁵ Disponível em: <https://www.desvirtual.com/project/poisonous-noxious-and-suspicious/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Criatividade e autoria na utilização das IAs

A chamada “cocriação maquínica” se baseia na percepção de que as inteligências artificiais podem servir como auxiliadoras no processo criativo dos artistas, o que gera debates em relação à autoria e à criatividade, que tradicionalmente são associadas à subjetividade humana. Essa assistência na produção de arte, no caso de modelos generativos, que aprendem a partir de uma grande base de dados, replicando o que já existe (apropriação de dados), entra em embate com os direitos autorais de outros artistas, pois partes de suas obras podem ser usadas em outras produções, sem créditos e, muitas vezes, sem consentimento.

No ensaio *Venenosas, nocivas e suspeitas*, escrito por Lucia Santaella e Giselle Beiguelman para a revista ZUM, as autoras entendem que as inteligências artificiais já estão integradas ao cotidiano, porém, para serem usadas em sua maior potencialidade e livre de preconceitos, precisam de usuários que quebram esses paradigmas e se voltam ao estudo, misturando ciência e conhecimento para tal.

Nesta era da inteligência artificial é importante compreender a relação entre arte e técnica que costuma estar obscurecida por noções preconceituosas sobre a técnica. Para tal, torna-se necessário recuperar as distinções e complementaridades, que vêm do grego, entre *epistème*, *techné* e *poiésis*. *Epistème* denota conhecimento, o verdadeiro conhecimento, diferente da opinião, o conhecimento das causas que são necessariamente verdadeiras. Implica a mistura entre ciência e saber e envolve o esforço racional para substituir a opinião, *doxa*, que não passa do conhecimento acerca do contingente. (Santaella e Beiguelman, 2025)

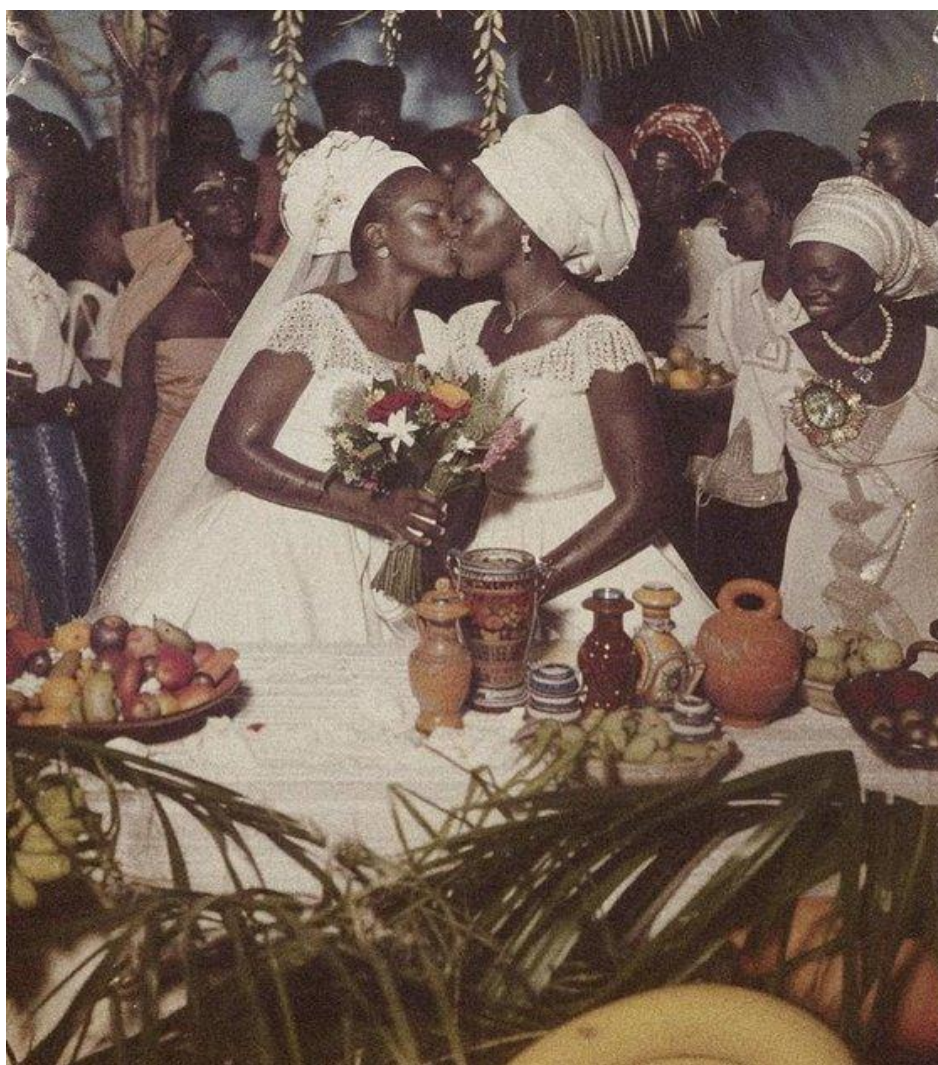
Com base nessa perspectiva, Regilene A. Sarzi-Ribeiro, explora a cocriação artística das IAs em seu artigo *Fronteiras e atravessamentos éticos na criação artística* (2024), a partir de dois vieses. O primeiro, que se apoia somente na replicação dos conteúdos presentes nos *datasets*, como a autora chama, conformista (Sarzi-Ribeiro, 2024, p.11), sem poder reflexivo ou de mudança das estruturas pré-existentes; e a ativista, que questiona subversivamente o próprio sistema. Neste artigo, nos voltamos ao segundo viés para a reflexão sobre a obra de Mayara Ferrão.

Ao compreender as inteligências artificiais como instrumentos disruptivos, abre-se um multiverso de possibilidades: além da sua utilização para romper com a ideia de continuidade da colonialidade e da desumanização a partir do racismo algorítmico (Barreto, 2024), é possível criar produtos artísticos e sociais que escapem da ótica

predominantemente negativa das potencialidades das IAs, ao mesmo tempo em que pode-se remodelar os modos de desenvolvimento dessas tecnologias e os dados utilizados em seu treinamento, transformando as dinâmicas sociais e tecnológicas.

Dualidade de pensamentos

A obra que exemplifica as tensões abordadas até aqui é uma das imagens criadas por Mayara Ferrão e que faz parte do projeto *Álbum de Desesquecimentos*. Criada com o auxílio de inteligências artificiais generativas, as imagens produzidas remontam a um passado contrafactual, que foi (e ainda é) negado a diversas mulheres negras.

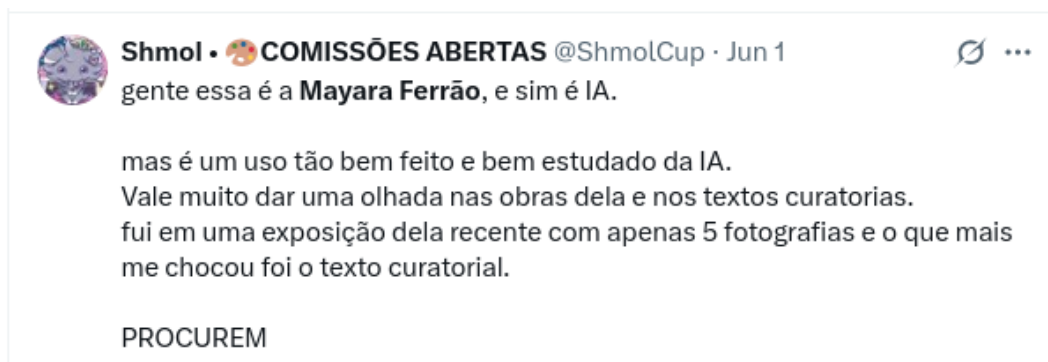


Obra de Mayara Ferrão, da série *Álbum de Desesquecimentos* - Mayara Ferrão/Divulgação

O quadro contém a representação de uma foto de uma festa de casamento entre duas mulheres negras. Elas estão de vestes brancas e uma delas carrega um buquê de flores. As duas se beijam em frente a uma mesa repleta de alimentos e, ao fundo, há uma decoração floral e algumas pessoas, também negras, possivelmente convidados, que celebram juntamente às mulheres. As cores são vibrantes, mas ainda assim remete a fotografias antigas, tendo em vista a saturação semelhante a elas.

Esta obra, assim como a exposição como um todo, articula uma crítica à colonialidade por meio da expressão artística de Ferrão e a colaboração maquínica das IAs ao utilizar elementos essencialmente contra-hegemônicos. Segundo Beiguelman, no catálogo de sua exposição *Botannica Tirannica* (2022): “a relação entre colonialismo e apropriação é endêmica. A dominação da natureza e a subjugação dos corpos não machos e não brancos são estratégicas para o seu sucesso.” Desse modo, Mayara Ferrão ativamente mobiliza uma releitura imagética de narrativas silenciadas pela história, dando outras perspectivas e exaltando vozes silenciadas pela violência colonial.

O tensionamento ocorre na circulação do trabalho, principalmente nas redes sociais, em especial no X (antigo Twitter). Ao viralizar com a imagem trabalhada neste artigo, Ferrão dividiu opiniões dos internautas.



Captura de tela retirada da rede social X (antigo Twitter)



Captura de tela retirada da rede social X (antigo Twitter)

A partir das diferentes opiniões sobre a forma com que as composições artísticas foram feitas, é possível explorar os limites da criatividade.

Nossa reflexão, neste momento, volta-se para questionamentos sobre como artistas poderiam de fato utilizar tais tecnologias de IA a favor de sua própria criatividade. Oferecemos a ideia de que o artista tenha maior controle sobre o processo de treinamento de modelos de IA, manipulando datasets e algoritmos de aprendizado, para chegar a modelos que se comportem em prol de suas próprias intencionalidades. (Venancio Júnior, 2024, p.17)

Voltando-nos para essa análise de Venancio Júnior, Mayara Ferrão mostra que é possível criar, junto com as inteligências artificiais, materiais que são contrários aos vieses predominantes, que são machistas, homofóbicos e racistas, sem perpetuar esses

problemas ou ampliar seu impacto (Coeckelbergh, 2024, p. 118), desde que haja controle sobre os processos utilizados na criação das obras.

Assim, podemos considerar que as IAs podem atuar de forma transformadora, isto é, alterando ideias pré-estabelecidas, criando novas conexões e indo além do que é considerado possível ou aceitável (Boden, 2010 apud Venancio Júnior, 2024, p.15). Um bom exemplo para essa elucidação é a exposição *Eu, amanuense que escrevi*, que estreou em maio de 2025, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, e foi assinada pelo artista visual Diego Rimaos. Nela, utilizando inteligência artificial, Rimaos reconstruiu o rosto de 120 africanos libertos pelo jornalista, jurista e abolicionista Luiz Gama, com base em descrições físicas presentes em documentos originais escritos à mão. Além da criação de retratos 3x4, o artista também produziu documentos com dados atualizados, como o Registro Geral (RG) com os rostos dos libertos.

Partindo disso, é possível dizer que os artistas podem explorar as potencialidades das inteligências artificiais, a partir de suas intencionalidades subjetivas, para modificar lógicas coloniais e, de certa forma, subverter os modos de ver e representar o imaginário coletivo, apesar de alguns considerarem uma interpretação “preguiçosa” ou ilegítima. Mayara Ferrão se coloca neste contexto com uma proposta que, a partir da produção artística juntamente às IAs, desestigmatiza vivências sociais, de gênero e de sexualidade, com a representação de mulheres negras sáficas em um enquadramento decolonial.

Considerações finais

O ensaio *Álbum de Desesquecimentos*, de Mayara Ferrão, evidencia como as inteligências artificiais, mesmo sendo ferramentas inseridas em lógicas de poder excludentes, podem ser mobilizadas de forma crítica e transformadora no campo artístico.

Embora os sistemas algorítmicos estejam sujeitos a vieses estruturais, seu uso em práticas criativas transformadoras pode ampliar os horizontes da representação, questionando limites sociais pré-estabelecidos, além de modificar os limites da autoria, da originalidade e da estética dominante. Assim, as IAs deixam de ser apenas ferramentas de reprodução para se tornarem instrumentos de uma revolução simbólica.

Desse modo, a cocriação maquínica, quando orientada por intencionalidades políticas, como no trabalho de Ferrão, pode não apenas questionar estruturas coloniais e normativas, mas também abrir caminhos para novas formas de criação, memória e

resistência. É nesse contexto que se insere a presente reflexão, resultado inicial de uma pesquisa de iniciação científica em desenvolvimento, cujos desdobramentos futuros poderão aprofundar e expandir as questões aqui propostas.

Referências

BARRETO, Paola. Sobre escravidão e máquinas: inteligência artificial para quem pode. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, Dossiê: Inteligência Artificial em Processos Criativos. SESC SP, São Paulo, n. 18, out. 2024, p. 107-126. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/sobre-escravidao-e-maquinas-inteligencia-artificial-para-quem-pode/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BEIGUELMAN, Giselle. **Botannica Tirannica**. Tradução: Glenn Johnston. São Paulo: Museu Judaico de São Paulo, 2022. Catálogo de exposição. Edição bilíngue: português/inglês. Disponível em: <https://botannicatirannica.desvirtual.com/wp-content/uploads/2023/08/20221106-BT-CATALOGO-FECHAMENTO-spreads.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BODEN, Margaret A. **Creativity and Art. Three Roads to Surprise**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

COECKELBERGH, Mark. **Ética na inteligência artificial**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

FERRÃO, Mayara; SILVA E SOUSA, Fernanda. Álbum de Desesquecimentos. **Revista ZUM**, São Paulo, n. 27, jan. 2024. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-27/album-de-desesquecimentos/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

JORNAL DA USP. Com inteligência artificial, Giselle Beiguelman retrata mulheres e plantas estigmatizadas na história. **Jornal da USP**, São Paulo, 16 abr. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/com-inteligencia-artificial-giselle-beiguelman-retrata-mulheres-e-plantas-julgadas-pela-historia/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SANTAELLA, Lucia; BEIGUELMAN, Giselle. Venenosas, nocivas e suspeitas. **Revista ZUM – Ensaios**, São Paulo, mar. 2025. Disponível em: <https://revistazum.com.br/ensaios/venenosas-nocivas-e-suspeitas/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SARZI-RIBEIRO, Regilene. IA: fronteiras e atravessamentos éticos na criação artística. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, Dossiê: Inteligência Artificial em Processos Criativos. SESC SP, São Paulo, n. 18, out. 2024, p. 28-45. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/ia-fronteiras-e-atravesamentos-eticos-na-criacao-artistica/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

VENANCIO JUNIOR, Sergio A característica generativa das inteligências artificiais e seus impactos sobre a criatividade. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, Dossiê: Inteligência Artificial em Processos Criativos. SESC SP, São Paulo, n. 18, out. 2024, p. 10-27. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/a-caracteristica-generativa-das-inteligencias-artificiais-e-seus-impactos-sobre-a-criatividade/>. Acesso em: 17 jun. 2025.